

DISCUTINDO GÊNERO ATRAVÉS DA LITERATURA: UM OLHAR SOBRE AS MULHERES MACHADIANAS

Clarice Calista Dutra ¹

RESUMO

A mulher teve, desde muito tempo, um lugar de subalternidade diante da figura masculina. Logo, a discussão de gênero é oportuna para compreender os fatores que desencadearam esse processo e que são responsáveis, ainda na contemporaneidade, por legitimar práticas misóginas e desigualdade de direitos da figura feminina na sociedade. Nesta perspectiva, o texto literário, como arte que imita a vida e, inclusive, aponta as incoerências sociais, pode ser instrumento de problematização das questões de gênero. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a importância das personagens femininas machadianas para a discussão de gênero. Ainda, foram elencados como objetivos específicos: contextualizar o período histórico da produção das obras machadianas; discutir sobre o patriarcado e sua influência na subalternidade da mulher e explorar de forma sucinta algumas personagens femininas que se destacam na obra de Machado de Assis. Com efeito, se trata de uma pesquisa bibliográfica que teve como aporte teórico os estudos de autores como: Louro (2004); Santiago *et al* (2010); Schwarz (2000); Stein (1984), dentre outros. Constatou-se que a subalternidade da mulher está fortemente atrelada às raízes do regime patriarcal, o qual Machado de Assis explorou e apontou, revelando as contradições da sociedade desse período em obras nas quais a figura feminina aparecia em condição de inferioridade ao homem, aspecto comum na sociedade do século XIX. No entanto, os resultados apontam que algumas mulheres machadianas se destacam, indo na contramão do patriarcado tendo em vista seus perfis emancipados e transgressores, a exemplo de Capitu, em *Dom Casmurro* e Virgília, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, as quais são personagens que fogem do ideal de mulher para a época, posto que são autênticas e vivenciam seus desejos de forma intensa, sem deixarem-se subjugar pelos preceitos que lhes impunham uma vida limitada ao casamento e ao lar.

Palavras-chave: Gênero, Sociedade, Machado de Assis, Personagens femininas, Patriarcado.

INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado e aclamado como um dos maiores escritores do Brasil tendo se destacado pela produção de obras que abordam as mais variadas temáticas e conflitos inerentes ao ser humano, sempre regadas a uma acentuada ironia que o levava, inclusive, a criticar as incoerências da sociedade de sua época.

¹ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, clarice_calista@hotmail.com.

Com efeito, o espaço que o autor citado dedica à mulher em sua obra, especialmente em seus romances, merece uma leitura mais demorada, posto a importância que a representação feminina possui em seus textos para compreender a situação da mulher na sociedade do século XIX, sendo um aspecto oportuno para a discussão de gênero através do texto literário.

Isto posto, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a importância das personagens femininas machadianas para a discussão de gênero. Como objetivos específicos, foram traçados: contextualizar o período histórico de produção das obras machadianas; discutir sobre o patriarcado e sua influência na subalternidade da mulher e explorar de forma sucinta algumas personagens femininas que se destacam na obra de Machado de Assis.

A escolha pela temática se justifica pelo entendimento da importância de discutir gênero e buscar expandir o debate sobre o papel da mulher nas mais variadas esferas da sociedade. Logo, através da apreciação e crítica do texto literário, a partir de obras como as produzidas por Machado de Assis, é possível estabelecer diálogos com o papel legado à mulher desde os tempos mais remotos e, inclusive, despertar nos leitores o desejo de conhecer as raízes histórico-culturais que levam, ainda na contemporaneidade, a mulher às situações de subalternidade ante a figura masculina.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, caracterizando-se como um estudo crítico. Ora, de acordo com Gil (2002) este tipo de pesquisa resulta de escolhas pontuais que estão inseridas na obra, pautadas em leituras e análises feitas da mesma além da união que é estabelecida entre o texto literário e as teorias atreladas à temática elencada. Para tanto, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos de autores como: Beauvoir (1967); Bosi (1999); Schwarz (2000); Stein (1984), Medeiros (2019), dentre outros, cujos estudos dialogam com a temática elencada para estudo.

Desta maneira, os resultados deste estudo apontam que as produções literárias de Machado de Assis abordam de forma crítica e com ironia as contradições e desigualdades de gênero da sociedade patriarcal brasileira no século XIX, período no qual viveu e produziu a sua obra. Além disso, comprovou-se que suas narrativas dão destaque ao casamento, clientelismo, adultério e submissão feminina. Contudo, algumas das mulheres machadianas, a exemplo de Capitu e Virgília, caminham à margem do perfil casto e recatado das mulheres da sociedade patriarcal, posto que são mentalmente emancipadas, sexualmente livres e emocionalmente mais fortes em comparação àquelas.

Conclui-se, pois, que a apreciação dos textos literários machadianos é pertinente à discussão de gênero em sala de aula como forma de reflexão e combate aos preconceitos em

torno da mulher e, inclusive, como alternativa de conhecimento mais profícuo da obra do autor.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerações sobre o período histórico de produção da obra de Machado de Assis

Machado de Assis, como todo escritor consagrado, não se mostrou alheio ao seu período histórico de modo que, em suas produções, tal contexto também era fortemente explorado revelando os principais elementos da sociedade, suas inquietações, aspirações e conflitos.

Com efeito, essa seção destina-se a apresentar um breve resumo sobre o período histórico de produção da obra machadiana. Segundo informam Santiago *et al* (2010) o autor produziu sua obra durante a segunda metade do século XIX, época em que o país ainda estava sob a condução do segundo Reinado, com Dom Pedro II.

Nesta época, de acordo com Santiago *et al* (2010), em meio às transformações decorrentes, especialmente, da industrialização e urbanização ocorridas nos Estados Unidos e Europa, ideias civilizadoras foram motivadas por grupos sociais, os quais idealizavam a educação e a religião, como estratégias na relação de poder, para ditar um comportamento social individual e coletivamente aceitável.

Ora, partindo desse fato, percebe-se que tais ideais influenciaram diretamente na forma como a sociedade da época fora construída e, inclusive, nas relações interpessoais e na conduta dos membros de tais sociedades. É válido frisar que a sociedade retratada por Machado de Assis estava assentada em expressivas desigualdades sociais, de classe e de gênero e nesta sociedade a lógica do favor era aspecto relevante. Acerca de tal conjuntura social observa-se que:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. (SCHWARZ, 2000, p.16, grifos do autor).

Com efeito, no romance *Dom Casmurro* (1899) tem-se um exemplo notório da figura do agregado que é o personagem José Dias, homem de confiança da família de Bento Santiago e, inclusive, braço direito de sua mãe no intuito de separá-lo da jovem Capitu,

personagem feminina que se destaca na obra sendo ela o par amoroso de Bento e, inclusive, a mulher em torno do qual o conflito maior da narrativa se instaura.

Como se vê, Machado de Assis apontava os desvios de caráter dos integrantes da sociedade carioca do século XIX, onde o clientelismo e a pobreza eram aspectos que tiveram ênfase em suas histórias. Com isso, o autor também apontava as contradições em torno do casamento que, naquele período, também era fortemente influenciado pelos ideais religiosos.

Conforme ressaltam Santiago *et al* (2010) a mulher daquele período depositava todas as suas expectativas de vida no matrimônio. Desta forma, ela agia com submissão ao modelo social vigente, o patriarcado, também pelo fato de não possuir melhores expectativas, sendo condicionada a se comportar de forma gentil e obediente.

Ainda no tocante à conjuntura social vigente, Schwarz (2000) afirma que, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, a qua estava assegurada pela força. Com isso, mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção européia não deviam nada a ninguém, entre nós era governada pelo favor.

Ora, o discurso de Schwarz avulta a influência do favor nas relações estabelecidas na sociedade do século XIX. Além disso, há uma distinção significativa entre a classe mais abastada e os sujeitos menos favorecidos. É um aspecto evidenciado, também, nos relacionamentos interpessoais a exemplo do casal Bento e Capitu. Esta, pertencente a uma classe social inferior à Bento, detinha, no entanto de peculiar inteligência e sensualidade. Bento Santiago, por sua vez, era de classe mais favorecida economicamente, todavia se mostrava completamente influenciado e dominado pelos encantos de Capitu.

Assim, os atributos dados à Capitu fazem dela um perfil feminino diferenciado da mulher que vivera no século XIX, para a qual restava cuidar da casa, dos filhos e do marido, dando a este a sua total subserviência.

Nas teias do patriarcado: o arranjo social que silenciou a mulher

A leitura de Machado de Assis sugere uma análise acerca do patriarcado, regime social que vigorava na época em que o autor produziu sua obra. Desta maneira, essa seção tem o intuito de apresentar algumas considerações sobre este arranjo social e sua relação com o silenciamento da mulher, especialmente no século XIX.

Em seu livro *Figuras femininas em Machado de Assis* a autora Ingrid Stein aborda não apenas as personagens femininas criadas pelo autor e suas peculiaridades, mas também aponta

as características e fatos que marcaram o contexto histórico em que surgiram. Neste momento, destacava-se o patriarcalismo.

Com isso, considerando o momento em que vivia o país na segunda metade do século XIX, a autora supracitada analisa que:

De maneira geral, considera-se a família patriarcal como a instituição mais importante para a formação da sociedade brasileira. Ela desempenhou valioso papel regularizador e disciplinador, e representava “o único grupo estável e organizado, exatamente pelo fato de ter em suas mãos as principais fontes de riqueza e de poder”. Foi este tipo de organização familiar que perdurou até o século XIX [...] (STEIN, 1984, p.22, grifos da autora).

Como se vê, a partir do discurso acima exposto, a família patriarcal detinha de grande prestígio social no século XIX, razão pela qual era o único modelo de construção familiar respeitado em sociedade. Com isso, havia uma forte inclinação em preparar as mulheres para o casamento e, nesse processo, educá-las de modo que se portassem como damas respeitadas, que a princípio deviam obediência ao patriarca da família e, posteriormente, ao marido. Vê-se, pois, que a figura feminina era doutrinada a obedecer e cuidar da família que formaria, devendo sempre estar em situação de subalternidade diante do homem, o qual devia ser, inclusive, o provedor do lar.

Stein (1984) enfatiza, ainda, que a mulher ocupava na família uma posição secundária, subordinada ao homem. Nesta perspectiva, ao lado da função procriadora, de assegurar herdeiros, a mulher de classe alta desempenhava a atividade de uma espécie de dirigente das tarefas domésticas. Nisto, dirigia os trabalhos da cozinha, supervisionava a organização da casa e o cuidado das amas e escravas com os filhos, envolvia-se em serviços de costura e providenciava e organizava reuniões e festas. No tocante à maternidade, tinha a obrigação da primeira transmissão de valores e da evolução moral dos filhos.

Ora, percebe-se que o lar foi o lugar legado à mulher do século XIX. Por conseguinte, a ela fora dada a autoridade sobre a organização da casa, porém lhe fora negado o direito de ir além do seio familiar devendo concentrar-se na criação de filhos moralmente aceitos e na condução da harmonia da família.

Tal fato é corroborado se for observada a desigualdade quanto ao processo de escolarização de homens e mulheres naquele período. Louro (2004) aponta que para a sociedade patriarcal, as mulheres precisariam ser mais polidas do que instruídas, posto que sua maior responsabilidade era a educação da prole no âmbito familiar.

Sobre tal aspecto, Stein (1984) corrobora com Louro (2004) ao mencionar que para a menina, bastava o aprendizado de saberes condizentes com o seu futuro papel de mãe e

esposa, devendo ser especialmente consideradas as disciplinas que a habilitassem a circular em sociedade: rudimentos de uma língua estrangeira, música, canto e dança. Além disso, as escolas masculinas eram bem mais numerosas. Tal informação revela, ainda, um dado importante acerca do sistema educacional no período patriarcal: a não admissão do ensino conjunto para crianças de ambos os sexos, posto que a educação mista só foi instituída em 1879.

Ante o exposto, pode-se inferir que o patriarcado foi um período histórico de segregação e silenciamento da mulher. Revela, pois, uma sociedade falocêntrica que delegava ao homem o direito de transitar por todos os segmentos da sociedade, mas impunha à mulher uma situação de inferioridade, de modo que lhe restava como propósito de vida, conquistar um bom casamento e constituir, através dele, uma família.

Mulheres machadianas: as vozes que irrompem o silêncio

O casamento é uma das temáticas que têm destaque nas obras machadianas, tendo em vista que na dinâmica do patriarcalismo, esse era o destino visto como favorável e necessário para as figuras femininas. Ora, em sua obra *O segundo Sexo: a experiência vivida*, Simone de Beauvoir (1967) ressalta essa ligação do matrimônio à mulher, ao dizer que seja ambicioso, parvo ou tímido, é para um futuro aberto que o menino se atira; será marinheiro ou engenheiro, ficará no campo ou migrará para a cidade, verá o mundo, enriquecerá. O menino sente-se livre diante de um futuro em que possibilidades imprevistas o esperam. A menina, no entanto, será esposa, mãe, avó; cuidará do lar, exatamente como fez sua mãe e também dos filhos como foi cuidada. Desde pequena a sua história já está escrita no céu.

Com efeito, a partir do discurso acima, vê-se que a desigualdade de gêneros está enraizada na cultura e se nutre, justamente, dos preceitos patriarcais que colocam o homem como o possuidor de um universo de oportunidades e destina a mulher ao exílio doméstico, através do casamento e da maternidade, atributos que lhes são assegurados desde a infância.

Desta forma, as personagens femininas nas obras de Machado de Assis também refletem essa dinâmica, no entanto, algumas destas mulheres se mostram avessas ante a esse sistema sendo retratadas pelo autor de forma irreverente, como vozes que insistem em romper o silêncio a elas impostos. Por conseguinte, neste estudo apresenta-se uma breve leitura sobre Capitu, protagonista de *Dom Casmurro* publicado em 1989, e Virgília, uma das personagens femininas de destaque em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicado em 1881.

Conforme analisa Medeiros (2019), dentre essas mulheres que destoam de um perfil submisso, pode ser citada Capitu, personagem de *Dom Casmurro*. Esse romance evidencia a evolução feminina na sociedade patriarcal e, justamente através dele, Assis apresenta uma mulher com personalidade expressivamente forte que assume não apenas o protagonismo da narrativa, mas torna-se uma das personagens mais emblemáticas do realismo. Capitu, embora descrita pelo discurso de Bento Santiago, narrador-personagem e homem, é retratada como uma mulher astuta, vivaz, visivelmente resistente às amarras a ela impostas. Embora ainda em situação inferior ao homem, inclusive do ponto de vista econômico, é uma mulher dotada de uma beleza e esperteza singulares, como pode se constatar a partir do excerto abaixo:

Capitu era Capitu, isto é, *uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem*. Se ainda não o disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição. Era também mais *curiosa*. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. [...] gostava de saber de tudo. (ASSIS, 1997, p.50, grifos nossos).

Veem-se nos atributos dados à personagem que sua personalidade difere muito do homem com quem divide o protagonismo na obra, Bento Santiago, o qual também parte desses atributos como curiosidade, dissimulação e esperteza para incriminá-la em toda a narrativa, em razão de sua suspeita de ter sido traído. Todavia, é importante frisar que a mística em torno de Capitu não está pautada na sua sensualidade e natureza indomável, mas na inteligência e sagacidade que ela demonstra ter.

Nesta perspectiva, Medeiros (2019) afirma que independentemente de ser uma menina pobre e também enxergar no casamento uma forma de ascender socialmente, Capitu não se deixara dominar pela sociedade do século XIX. Ela estudou latim, mesmo após o padre Cabral negar-se a ensiná-la pelo simples fato de ser mulher, aprendeu inglês, gamão, pintura, música, além de ser uma mulher que refletia sobre o mundo que a cercava.

Pode-se inferir que o inconformismo de Capitu diante do espaço ínfimo que lhe era dado no mundo foi a razão pela qual ela se impôs diante do patriarcalismo que a cercava, lutando para constituir-se como sujeito dentro dessa sociedade que buscava silenciar-lhe as vozes da alma, como era feito às demais mulheres da sua época.

Ao descrever o olhar de Capitu, Bento Santiago delinea um perfil feminino que por um lado é doce e encantador, dotado de feminilidade, e por outro, carrega mistério, uma perigosa e irresistível sedução, comparado às ondas revoltas do mar em ressaca:

“olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento, imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles... (ASSIS, 1997, p. 53-54).

Capitu é descrita com feições bem femininas e delicadas: olhos verdes, grandes, amendoados. Ao mesmo tempo, um olhar de cigana, que sugere o mistério, o feitiço com que deixara a alma do apaixonado narrador. Embora carregados desta aura de mistério, os olhos de Capitu eram doces ao olhar de Bentinho. Ora, uma mulher que ao mesmo tempo carregava em si a essência feminina, mas que detinha de uma presença empoderada, intimidadora ante o homem que a queria como mulher, mas mulher submissa. O homem que a amava, mas a temia, dada sua incontestável superioridade ante seu espírito fraco. Bento Santiago na verdade admirava e temia Capitu como um desconhecido ante a esfinge² e, maravilhado, desejava possuí-la por inteiro, mas assim como o mar que é impossível de ser totalmente dominado, Capitu lhe dava apenas um pouco de si mesma. O adultério é uma questão dúbia em Dom Casmurro, tendo em vista que existem inúmeras interpretações da narrativa; todavia, é inegável que Machado de Assis fez, através de Capitu, uma criativa e necessária desconstrução da mulher idealizada pelo sistema patriarcal.

Memórias Póstumas de Brás Cubas apresenta, por sua vez, a personagem Virgília como uma das mulheres irreverentes da obra machadiana. Conforme expõe Medeiros (2019) ela foi uma mulher que influenciou muito e representou o amor da vida de Brás Cubas, protagonista da obra. Aos dezesseis anos, era descrita como “a primazia das mocinhas de seu tempo”, contudo, assim como as mulheres do realismo machadiano, Virgília agia a partir de suas vontades e também vivia sob as aparências da burguesia:

Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos, muita preguiça e alguma devoção - devoção, ou talvez medo; creio que medo. (ASSIS, 2016, p.108)

² A esfinge é um ser mitológico ligado a diferentes culturas das civilizações antigas, especialmente do Egito. Geralmente, é retratada com corpo de leão e rosto com feições humanas. Na Grécia, por sua vez, sua aparição mais conhecida está atrelada à tragédia de Édipo. Consta que a esfinge teria chegado à Tebas disseminando destruição, matando os moradores. Creonte, rei da cidade, ofereceu o trono e a mão de Jocasta para quem conseguisse libertar Tebas da esfinge que desafiava a todos com um enigma. Aqueles que não decifrassem o mistério eram devorados pela esfinge. Édipo apresenta-se diante do monstro e consegue acertar a resposta. A esfinge, constrangida, joga-se de um penhasco e morre e com isso, Édipo recebe o trono de Tebas e Jocasta em casamento, descobrindo posteriormente que se casara com a própria mãe. (SILVA, 2023).

Nota-se que, assim como Capitu, Virgília também recebe o atributo da beleza e, inclusive, dos “ímpetos misteriosos”. Também como a protagonista de *Dom Casmurro*, Virgília busca um bom casamento, razão pela qual opta pelo homem de melhores condições financeiras, casando-se então com Lobo Neves. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o adultério é evidente e a conduta de Virgília dentro dessa dinâmica merece ênfase não apenas por trair deliberadamente o esposo, mas por não demonstrar remorso algum quanto a isso, muito menos pudor. A recusa em fugir com o amante, Brás Cubas, se dá não por preferir o marido, mas por não querer perder os privilégios advindos da confortável situação econômica e do status de prestígio que o matrimônio com o deputado Lobo Neves lhe dera:

Ela teve um bom casamento, bom status social, ao mesmo tempo em que vivia uma infidelidade conjugal. Virgília realizou ao lado de Brás, seus desejos íntimos, mesmo após estar casada e ter um filho. Era uma mulher manipuladora e dissimulada que conseguiu realizar todos esses feitos sem trazer prejuízo algum para a vida familiar, nem abdicar de seu status social. Também foi uma mulher que pôde gozar de seus direitos e desejos. Ao receber de Brás a proposta para que fujam e possam viver juntos o amor que sentem um pelo outro, ela não concorda, pois teme difamar sua reputação, e assim, perder os privilégios provindos de sua posição social, portanto, mantém ambos os lados de sua vida, o grande amor que sentia por Brás e seu casamento de aparências. (MEDEIROS, 2019, p. 29 -30).

Nesta dinâmica, Virgília é uma desconstrução da mulher romântica e idealizada, cercada de pureza e de princípios voltados à família: a mulher fiel ao marido. Virgília é, no entanto, uma mulher que não se priva de usufruir de sua beleza e satisfazer os seus caprichos, inclusive do ponto de vista sexual. Revela-se, pois, nesta personagem, uma mulher sexualmente independente, embora dependente das aparências do casamento, dado o seu interesse no dinheiro e “boa reputação” que esse matrimônio lhe dera.

Analisando-se, pois, ambas as mulheres citadas, Alfredo Bosi (1999) declara que elas têm robustas inclinações dos sentidos, exercem galhardamente os seus dotes, irritam-se e respondem quando encontram obstáculos, mantendo-se coerentes, corpo e alma, com os seus respectivos intentos. Logo, vê-se que Capitu e Virgília distanciam-se do ponto de vista intelectual, moral e sexual do ideal de mulher do século XIX, embora ainda necessitem do casamento para ascender socialmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir deste estudo indicam que a obra de Machado de Assis revela, ironiza e caracteriza os dilemas e aspirações que vigoravam na sociedade brasileira do século XIX, período de produção de suas obras. Comprovou-se que a sociedade desta época estava fortemente condicionada ao patriarcalismo, regime social que atribuiu à figura feminina um forte silenciamento e submissão ao homem, que detinha destaque e poder na dinâmica deste arranjo social.

Comprovou-se que Machado de Assis construiu narrativas nas quais o casamento era um dos eixos temáticos, razão pela qual as figuras femininas descritas estavam naturalmente condicionadas a casar-se e ter filhos para adequarem-se a conjuntura sociocultural da época. Logo, viu-se que o perfil feminino era condizente com o perfil da maioria das mulheres do país.

No entanto, percebeu-se que algumas personagens delineadas por Machado de Assis distinguiam-se das demais, desmistificando a caracterização puritana, idealizada, dócil e submissa da mulher do século XIX. Com efeito, através da análise das personagens Capitu e Virgília, percebeu-se que o autor ironizou e retratou as contradições da sociedade, especialmente no que tange à condição feminina desse momento histórico.

Portanto, ambas as protagonistas revelam-se inteligentes, corajosas, sedutoras, emancipadas intelectual e sexualmente, embora ainda precisem unir-se matrimonialmente para terem acesso a uma vida digna, do ponto de vista econômico. Decore disso, pois, também uma ironia por parte do escritor que retratou mulheres empoderadas mental e sexualmente, mas ainda dependentes do ponto de vista financeiro, tendo em vista que o regime no qual viviam lhes negavam acesso ao mundo do trabalho e do conhecimento, posto que esse acesso só era permitido e facilitado à figura masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa discussão comprovou-se que a condição subalterna da figura feminina está relacionada ao patriarcalismo, tendo em vista que esse regime social confere plenos poderes ao homem que é visto como o provedor do lar, detentor do conhecimento científico, possuidor das oportunidades de participação ativa em todos os segmentos da sociedade, inclusive no mercado de trabalho.

Viu-se, pois, que essa distinção de gênero afeta também o contexto econômico, o qual obrigava a mulher do século XIX a buscar desde cedo um casamento com um homem de posses para que pudesse, assim, garantir sua sobrevivência. Em contrapartida, a mulher devia obediência ao marido e só podia exercer a maternidade e os cuidados domésticos.

Com efeito, conclui-se que a obra literária machadiana, estudada nesta pesquisa, é oportuna para o debate sobre gênero, tendo em vista que Machado de Assis aponta esses conflitos em suas narrativas ironizando e reforçando essas temáticas.

Entretanto, algumas personagens femininas destoam desse perfil submisso e invisibilizado de mulher, a exemplo de Capitu, em *Dom Casmurro* e Virgília, em *Mémórias Póstumas de Brás Cubas*. Confirmou-se que, para estas duas mulheres, o casamento e os preconceitos do patriarcado não foram suficientes para aprisionar-lhes as ideias e o espírito ousado que as fez transgredir imposições e desmandos e vivenciar a sua sexualidade e subjetividade com vivacidade e coragem.

Sugere-se, pois, a realização de novas leituras acerca da temática, considerando-se a pertinência dessa discussão na sociedade como combate à misoginia, às desigualdades de gênero e, inclusive, como apreciação do texto literário e suas múltiplas possibilidades de interpretação deste cenário.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Globo, 1997.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre : L&PM, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. São Paulo : Ática, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MEDEIROS, Karolline Moreira de. **Virgília x Capitu: um olhar sobre o discurso de traição e a triangularidade das mulheres de machado**, 2019. Disponível em:<



<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/21366>> Acesso em: 07 de out. De 2023.

SANTIAGO, Camila dos S. *et al.* **Mulheres machadianas:** submissão e resistência. III SEPEXLE–Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras, p. 26-39, 2010. Disponível em:< <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/17.pdf>> Acesso em: 12 abr. de 2023.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas:** forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. Editora 34, 2000.

SILVA, Daniel Neves. **Esfinge;** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/mitologia/esfinge.htm>. Acesso em: 20 de nov. De 2023.

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.